

MEDICINA

Conheça a história do casal pernambucano de cardiologistas Heitor Maurício e Maria de Fátima, que inspirou os três filhos, Maria Antonieta, Heitor e Marina, a seguirem a mesma carreira

LAÇOS DE FAMÍLIA EM CASA E NO HOSPITAL

» JÚLIA GIUSTI*

A família pernambucana Albanez Albuquerque de Medeiros carrega uma história peculiar quando o assunto é atuação profissional. O casal Maria de Fátima Albanez Albuquerque de Medeiros, 66 anos; e Heitor Maurício de Medeiros Filho, 70 anos, ambos médicos cardiologistas, tem três filhos: Maria Antonieta, ou Tieta, como é mais conhecida, 38; Heitor, 36; e Marina, 33, que seguiram os passos dos pais e se formaram em medicina com especialização em cardiologia. Há seis anos, os cinco trabalham juntos. Hoje, atuam no Real Hospital Português, no Hospital São Marcos e na Unimed, em Recife.

Formada em 1981 pela Universidade de Pernambuco (Upe), Maria de Fátima conheceu o marido, graduado pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) no mesmo ano, ainda na formação, no Hospital Oswaldo Cruz. Em 2011, a filha mais velha do casal, Tieta, deu sequência ao legado da família e conquistou o diploma de médica pela Universidade de Pernambuco (Upe). No ano seguinte, foi a vez do irmão do meio, Heitor, que fez a Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS). Em 2015, a caçula se graduou pela mesma instituição. Posteriormente, todos optaram pela cardiologia e continuam se especializando na área.

Incentivo

A medicina não se restringe ao casal e aos filhos, mas foi a profissão escolhida por muitos parentes, como tios e primos. Em casa, Maria de Fátima também teve exemplo dos pais: “Meu pai era médico e, minha mãe, embora não tenha feito medicina, era entusiasta da carreira”. Assim, ela e

Fotos: Arquivo pessoal



Registro de uma cirurgia com participação do pai, Heitor Maurício de Medeiros Filho, e dos filhos, Heitor (E) e Tieta

os quatro irmãos se tornaram médicos e, com exceção de um, todos se casaram com profissionais do mesmo ramo.

Assim como a esposa, Heitor Maurício teve incentivo para fazer medicina desde cedo. Ele diz que nasceu no dia 18 de outubro, Dia do Médico, e que sua mãe tomou isso como um sinal de que esse seria o destino dele: “Ela sempre dizia que eu ia ser médico. A medicina já nasce comigo”. A vontade de aprender levou Heitor a se dedicar

aos estudos. “Sempre fui uma pessoa que enfrenta as desavenças, e isso fez com que eu vencesse. A cada conhecimento novo, ficava mais animado, era espetacular”, compartilha, sorridente.

Heitor conta que voltava para casa “entusiasmado” após operar pacientes cardíacos com êxito e salvar vidas, mesmo quando era chamado pelo hospital aos fins de semana e feriados. “Meus filhos sempre me viam com semblante alegre. Eu saía assim para uma

chamada de emergência e voltava do mesmo jeito, por ter salvado uma vida. Isso fez crescer um ímpeto neles”, relembra.

Para Tieta, ver a realização dos pais e ter contato direto com o dia a dia da profissão foram os grandes atrativos para que ela e os irmãos buscassem o mesmo caminho. “Eles sempre foram empolgados, gostavam muito do que faziam. Desde pequenos, nos levavam para o hospital. Eu via meu pai fazendo hemodinâmica,

ficávamos brincando na sala do cateterismo. Então, crescemos pensando em fazer medicina”, descreve.

Marina complementa que as conversas sobre o trabalho em casa eram tão frequentes que seria difícil atuar em outra área. “No horário de almoço, a gente não tinha opção, era conversar sobre cardiologia, então a gente entendeu isso como natural nas nossas vidas e buscamos esse interesse, que sempre fez parte da rotina”, explica.